

FEATHERSTONE, Mike; THRIFT, Nigel J.; URRY, John. **Automobilities**. London: Sage Publications, 2005.

LÉVY, Jacques. **Os novos espaços da mobilidade**. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

MARANDOLA JR., Eduardo José. **Habitar em risco**: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

OJIMA, Ricardo. A produção e o consumo do espaço nas aglomerações urbanas brasileiras: desafios para uma urbanização sustentável. XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. **Anais...ABEP**, Caxambú, 2006.

RAFFESTIN, Claude. Perché “noi” non abbiamo letto Eric Dardel? In: DARDEL, Eric. **L’uomo e la Terra**: natura della realtà geografica. Milão: Edizioni Unicopli, 1986.

ROBERTSON, Susan. Visions of urban mobility: the westway, London, England. **Cultural Geographies**, London, n. 14, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

## DECIFRANDO O RECENTE PROCESSO DE DESCENTRALIZAÇÃO DE BELO HORIZONTE

Ramon Coelho da Cruz

ramonbhgeo@yahoo.com.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Palavras-chave:** descentralização, reestruturação, centralidade, refuncionalização.

Várias metrópoles brasileiras têm passado nos últimos anos por processos de reestruturação com tendências de descentralização e viabilização de novos arranjos espaciais, como recentemente vem acontecendo na metrópole mineira, Belo Horizonte. O processo de descentralização configura-se como projeto espacial na medida em que viabiliza uma expansão urbana criando novas expressões de centralidade.

O objetivo deste trabalho, como parte do projeto de mestrado<sup>1</sup> em desenvolvimento, é decifrar a atual descentralização da cidade de Belo Horizonte considerando a refuncionalização da principal área central, denominada Eixo

---

<sup>1</sup> Projeto de mestrado em desenvolvimento pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGG-UFRJ, intitulado: “O oculto e o revelado da descentralização urbana no início do século XXI em Belo Horizonte”. Orientador: Prof. Dr. William Ribeiro.

Sul, e a expansão urbana no Eixo Norte da cidade que se configura como uma nova expressão de centralidade, a partir da espacialidade da atuação dos principais agentes sociais e econômicos responsáveis pela implantação e distribuição de bens e serviços nestes dois eixos da metrópole.

Os agentes sociais e econômicos listados por Corrêa (1995b, p.12) como responsáveis por fazerem e refazerem a cidade através de estratégias e ações concretas são os seguintes: “a) os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; b) os proprietários fundiários; c) os promotores imobiliários; d) o Estado; e e) os grupos sociais excluídos”.

A discussão sobre a descentralização torna-se relevante, pois constitui também um fator fundamental para o entendimento da Área Central (RIBEIRO FILHO, 2004), aqui considerada como o “centro de gravidade de toda a metrópole” (COLBY, 1958 [1933]).

Com o processo de descentralização, a Área Central passa a ter uma dispersão de algumas atividades centrais para outras áreas da metrópole, fazendo com que a Área Central da metrópole deixe de ser monopolizadora, inclusive de atividades terciárias que passam a estar presente em outras áreas da metrópole.

A principal área central ou Eixo Sul de Belo Horizonte abrigava secretarias e órgãos do Estado até meados do primeiro semestre de 2010, e depois deste período foram transferidos todos os órgãos e secretarias da administração estadual para a Cidade Administrativa do Governo de Minas Gerais - CAMG, construída no Eixo Norte da metrópole, área da cidade que passa por uma atual expansão urbana (PBH, 2010).

Esta dispersão que gera expansão urbana também pode ser vista como uma prática espacial denominada por Corrêa (1995a), como antecipação espacial, na medida em que “pode ser definida pela localização de uma atividade em um dado local antes que condições favoráveis tenham sido satisfeitas” (CORRÊA, 1995a, p. 39).

Muitos processos de descentralização são acompanhados de intervenções na produção de equipamentos urbanos que garantem a novas expressões de centralidade no interior da cidade, como áreas administrativas, jurídicas e comerciais, incluindo os *shopping centers* (FRÚGOLI JR., 2000).

É interessante ressaltar que “a centralidade é inerente aos centros e estes são fundamentais na produção do espaço urbano, pois expressam a atuação dos agentes que produzem o espaço urbano” (RIBEIRO, 2006, p. 38).

A complexidade da ação dos agentes sociais e econômicos abrange práticas, dentre as quais, remetem a um constante processo de reorganização espacial que se faz via incorporação de novas áreas ao espaço urbano e renovação urbana (CORRÊA, 1995b, p. 11).

Conforme Corrêa (1997) os processos sociais são os responsáveis pela organização espacial complexa que caracteriza a metrópole, e dentre estes processos sociais está à descentralização, que pode ocorrer como uma medida, espontânea ou planejada, com o objetivo de diminuir a excessiva centralização da Área Central, sendo, portanto, a descentralização causadora de deseconomias de aglomeração.

Assim, torna-se relevante destacar os agentes sociais e econômicos que promovem e executam a descentralização, como as interações espaciais (CORRÊA, 2006) envolvidas neste processo que necessitam ser desmitificadas e tornarem-se inteligíveis.

Entende-se como interações espaciais o “amplo e complexo conjunto de deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico” (CORRÊA, 2006, p. 279).

Retomando a produção do espaço, aqui retratado como o da metrópole e/ou do intraurbano, torna-se

importante pontuar a relação entre os agentes sociais e os processos sociais, que segundo Corrêa (2011, p. 44), “são inseparáveis, elementos fundamentais da sociedade e de seu movimento”.

As primeiras proposições da pesquisa apontam que o atual processo de descentralização do Eixo Sul de Belo Horizonte não apenas tem desfigurado a monopolização do centro principal, mas pode ser considerado um processo paralelo a refuncionalização desta mesma área, e, portanto, um reforço de sua centralidade.

A refuncionalização geralmente caracteriza-se como uma inovação (CORRÊA, 2010) para a Área Central, que reforça a importância do centro, mesmo que sua função possa ter mudado em decorrência do processo de descentralização.

É na relação entre forma espacial e função que ocorre a refuncionalização, ou seja, são dadas novas funções, criadas recentemente ou modernizadas aninhadas em formas espaciais antigas (CORRÊA, 2010). Esta mudança tem sido freqüente no capitalismo avançado (CORRÊA, 2010).

Dessa maneira, as formas espaciais são ressignificadas e metaforicamente as antigas são tornadas novas (CORRÊA, 2010). No Eixo Sul de Belo Horizonte se concentrava as secretarias e Palácio do Governo do Estado de

Minas Gerais em prédios que circundam a Praça da Liberdade. Atualmente com a parceria da iniciativa privada, esta área está sendo refuncionalizada e se tornando o Circuito Cultural Praça da Liberdade. O que envolve em sua primeira fase a refuncionalização de cinco prédios, que passam a serem centros culturais e museus, e destina-se a ser o principal pólo turístico e cultural da cidade, e o maior circuito cultural ao ar livre do país (MINAS GERAIS, 2010).

Nesta fase inicial da pesquisa também se torna clara a evidência do papel do Estado como principal agente modelador do espaço urbano neste processo de descentralização de Belo Horizonte, em seus diferentes níveis político-administrativos e espaciais: federal, estadual e municipal. Pois, a refuncionalização do Eixo Sul, com a criação do Circuito Cultural Praça da Liberdade, e o desenvolvimento do Eixo Norte fazem parte da atual política pública do Governo de Minas Gerais (CODEMIG, 2010) e da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH, 2010) com auxílio de recursos financeiros do Governo Federal e parcerias com empresas privadas.

É importante frisar que “a refuncionalização não se constitui no principal meio pelo qual as novas formas espaciais são criadas, visando a novas atividades” (CORRÊA, 2010, p. 155). É preciso considerar “uma multiplicidade de novas

formas de produção do espaço urbano, decorrentes das novas localizações industriais, das novas formas de habitat e das novas escolhas locacionais das empresas comerciais e de serviços” (SPOSITO, 2010, p. 126).

Portanto, a descentralização não é dicotômica ao ser aliada a refuncionalização, pois não resulta apenas em dispersão das funções centrais, mas aliada a refuncionalização não proporciona o declínio do centro principal da metrópole, e pode também ser vista como reforçadora da centralidade, quando indiretamente causa o que Soja (1993, p. 252-258) chama de “renascimento do centro da cidade”. Assim são atribuídas novas dinâmicas ao espaço urbano que redefine suas centralidades.

### Referências bibliográficas

COLBY, C. C. Centrifugal and centripetal forces in urban geography. In: KOHN, C.; MAYER, R. (ed.). **Readings in urban geography**. Chicago: The Chicago University Press, 1933. P. 287-298.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE MINAS GERAIS (CODEMIG). **Cidade Administrativa**. Belo Horizonte: CODEMIG, 2010. Disponível em: <<http://www.codemig.com.br/site/content/parcerias/projetos.asp?id=25>>. Acesso em: 28 set. 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, Um Conceito-Chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995a. P. 15-47.

\_\_\_\_\_. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1995b.

\_\_\_\_\_. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

\_\_\_\_\_. Interações Espaciais. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Explorações geográficas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. P. 279-318.

\_\_\_\_\_. Inovações Espaciais Urbanas: Algumas Reflexões. **Revista Cidades**, Presidente Prudente, v. 7, n. 11, p. 149-159, 2010.

\_\_\_\_\_. Sobre Agentes Sociais, Escala e Produção do Espaço: Um texto para Discussão. In: **A Produção do Espaço Urbano: Agentes, Processos, Escalas e Desafios**. CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs.). São Paulo: Contexto, 2011. P. 41-51.

FRÚGOLI Jr., Heitor. **Centralidade em São Paulo**. São Paulo: Cortez Editora-Edusp-Fapesp, 2000.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais. **Circuito Cultural Praça da Liberdade**. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://www.circuitoculturalliberdade.mg.gov.br/projeto-historia.php>>. Acesso em: 11 abr. 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Plano Estratégico de Belo Horizonte 2030**. Anexo II: Cenários Exploratórios para Belo Horizonte: 2010-2030. PBH, 2010. Disponível em: <<http://www.pbh.gov.br/bhmetaseresultados/pdf/anexo-2-cenarios.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2010.

RIBEIRO FILHO, Vitor. A Área Central e Sua Dinâmica: Uma Discussão. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, UFU, p. 155-167, 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/9197/5661>>. Acesso em: 01 ago. 2011.

RIBEIRO, William da Silva. **Para Além das Cidades, Centralidade e Estruturação Urbana: Londrina e Maringá**. 2006. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Formas Espaciais e Papéis Urbanos: As Novas Qualidades da Cidade e do Urbano. **Revista Cidades**, Presidente Prudente, v. 7, n. 11, p. 123-147, 2010.